



A Mulher Negra

Introdução:

Este pequeno conto fala de algo muito importante, o respeito.

Neste livro você vai ver que é muito importante tratar os outros sem desigualdade, porque um dia, talvez, você vá precisar da ajuda daquela pessoa.

Observação: Todos os personagens deste livro são fictícios.

Olá! Eu me chamo Bárbara Vasconcelos, sou uma médica oncologista, tenho 32 anos de idade e gostaria de compartilhar algo que aconteceu comigo há muito tempo atrás.

Devo dizer que nesta história não irei citar nomes, pois, não acho que seja uma boa ideia.

Eu tinha 14 anos de idade quando aconteceu.

Um dia, no ano de 1999, eu estava indo para a escola junto com algumas amigas como de costume. Mas, neste dia, nós decidimos ir por um caminho diferente, uma rua estreita, escondida por trás das casas. Não lembro bem como ela era, mas lembro que cheirava muito mal.

Estávamos andando e passamos por uma mulher, uma pedinte, negra, velha e que tinha a aparência horrível de fome.

Antes de continuar a história, preciso dizer que naquela época eu tinha problemas para me relacionar e interagir com as pessoas, por isso, tratava com preconceito e desprezo qualquer pessoa que eu julgasse ser "inferior" a mim. Talvez visse isso como forma de me sentir auto confiante.

Mas enfim, continuando, nós passamos por aquela mulher negra, e como já previa, ela nos parou e pediu ajuda. Minhas amigas tentaram explicar que não tínhamos dinheiro e que precisávamos ir para a escola, mas logo fechei a cara e disse:

-Vá trabalhar, negrinha miserável!

E logo depois fomos embora.

Na escola, eu era a mais querida dos professores. Sempre fazia as atividades, entregava trabalhos e projetos nos dias certos, minhas notas eram as melhores da turma, e tinha uma frequência e participação impecável. Como era uma aluna inteligente e de maior destaque, algumas vezes meus colegas de classe me procuravam para pedir ajuda com alguma matéria escolar. Mas, como era uma menina muito orgulhosa, eu normalmente recusava ajudar ou virava para alguma amiga e falava algo do tipo:

-Mal começou o ano e já tenho que dar aulas de reforço para essas crianças.

Nesse mesmo dia, quando voltávamos da aula decidimos voltar pela mesma rua, na qual tínhamos

visto a mulher negra. quando andávamos pela rua, podíamos ver que, ao longe aquela mesma mulher estava sentada no mesmo lugar que estava quando à vimos mais cedo, mas desta vez ela estava com alguém, uma menina negra, franzina, que, pela semelhança, parecia ser parente da mulher negra. Não lembro exatamente o que estavam fazendo, mas lembro nitidamente do olhar de dor com um toque de esperança que aquela mulher tinha ao olhar a menina.

Nós continuamos indo para a aula por aquela rua, e todos os dias víamos a mulher negra e a menina, e todos os dias a mulher nos parava e pedia alguma ajuda. Minhas amigas passavam direto, mas eu fazia questão de parar e humilhar aquela pobre mulher e a menina com minhas frases preconceituosas.

Passaram-se algumas semanas, e minhas frases de humilhação foram ficando cada vez mais elaboradas e maldosas. Até que um dia, nós passávamos pela rua escondida e mal cheirosa, na qual todos os dias víamos a mulher negra, a menina. Naquele dia, não vimos nem a mulher, e nem a menina que estava sem-

pre com ela. Depois de um certo tempo, eu soube da notícia, a mulher negra estava morta, e concluiu-se que a causa da morte tinha sido câncer no intestino, e a menina, que eu descobri ser filha da mulher negra, estava sendo cuidada por uma moça muito bondosa que decidiu adotá-la. Descobri também, que a mulher e a menina estavam tentando arrecadar dinheiro suficiente para fazer a cirurgia oncológica que salvaria a vida da mulher negra, por isso, estavam todos os dias na calçada daquela rua escondida e mal cheirosa, pedindo ajuda a quem passasse.

No momento que me deram a notícia eu fui tomada por um sentimento muito forte de culpa que se apoderou de mim em poucos segundos e comecei a chorar convulsivamente. Naquele dia, eu fui ao meu quarto, tranquei a porta, e comecei a rezar, pedi a Deus para receber bem a alma da pobre mulher negra, e pedi também, para Ele ter piedade da minha alma, pois, eu tinha total consciência que estava errada e que devia ser castigada.

Depois desse acontecimento, minhas notas começaram a despencar e eu comecei a me afastar de

tudo e de todos. Consegui terminar o ensino médio me arrastando, arranjei um emprego em uma loja de ferragem, e consegui dinheiro suficiente para alugar uma casinha em uma pequena rua escondida e mal cheirosa. Na época eu estava com 19 anos de idade e não lembrava mais da mulher negra ou da menina, e eu não fazia ideia que, a rua em que eu estava morando, era exatamente a mesma rua escondida e mal cheirosa, na qual eu passava e via todos os dias a mulher negra e a menina.

Passou-se um tempo, e infelizmente fui demitida, pois, a loja faliu e não podia mais me pagar. Sem condições de pagar o aluguel da casa, minha única opção foi a rua. Na época até pensei em voltar para a casa de meus pais ou pedir ajuda a algum amigo, mas não queria que me vissem daquele jeito, sendo uma perdedora.

Um dia, estava sentada na calçada, em frente a casinha onde eu costumava morar antes de ter sido demitida, quando vi uma mulher jovem, bonita, com uma aparência profissional notável, e... negra, parou em minha frente e olhou para mim. Ela perguntou se

eu à conhecia, eu disse que não, pois, eu realmente não reconheci seu rosto. Então, ela chegou mais perto e eu pude ver nitidamente o seu rosto. À reconheci imediatamente, e no mesmo instante me senti muito envergonhada, baixei a cabeça e comecei a chorar como uma criança. Ainda soluçando, pedi perdão várias e várias vezes, como uma louca. Acontece, que aquela mulher, era a mesma menina que sempre estava junto ajudando sua mãe, a falecida mulher negra.

Naquele momento, eu percebi que aquele lugar em que um dia morei e agora estava pedindo ajuda, era o mesmo lugar em que via todos os dias a mulher negra pedindo ajuda, junto com sua filha, também era o mesmo lugar em que eu humilhava as duas pobres com minhas atitudes preconceituosas.

A menina, que já era uma mulher adulta, se abaixou, foi até mim, enxugou minhas lágrimas e disse que não havia necessidade de pedir perdão, pois, ela já havia me perdoado há muito tempo. Em seguida, ela me abraçou forte, e disse com uma voz de consolo:

-Eu vou te ajudar.

Ela me deu um lar, comida, roupas e estudo de qualidade. Graças a ela, que era coordenadora de uma das melhores universidades do estado, consegui me formar em uma universidade e receber um diploma.

Hoje eu tenho meu curso de medicina completo, me especializei em oncologia, e salvo muitas vidas todos os dias. Sou casada, muito feliz, tenho minha casa própria e estou aguardando o meu segundo filho, e tudo graças a pequena menina generosa, batalhadora e humilde que eu tanto maltratei e humilhei, e que hoje tenho como uma amiga, uma irmã, e até mesmo como um anjo.

Eu quis compartilhar a minha história porque tenho certeza que pode servir de lição para outras meninas e meninos que, assim como eu fiz, maltratam as pessoas só para se sentir superior. Eu quero dizer a esses meninos e meninas que somos todos iguais, independente da cor, da classe social, ou da classe econômica, e que um dia você pode precisar de ajuda assim como eu. Mas lembre-se, nem todo mundo tem a sorte de ter alguém bondoso para ajudar.

Espero que tenha conseguido passar a mensagem

que eu queria, e que esta história faça você olhar a vida de uma forma diferente, melhor e mais bonita.

FIM!